Curso de Aperfeiçoamento em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade

Competências interculturais e docência na EJA

Maria Josefa de Menezes Almeida

Competências interculturais e docência na EJA

(Fonte: http://praticaeeducacao.blogspot.com /2010/03/um-dos-grandes-desafios-da-escola.html).

Como já se indicou anteriormente, a educação de jovens e adultos, inserida e circunscrita na estrutura socioeconômica, sendo uma das ações do sistema, historicamente mantém vínculo com o poder exercido pela classe hegemônica sobre as demais. Produzida pela sociedade, para atender às suas aspirações, têm-lhe servido como uma das instâncias de controle e manipulação social, bem como aparelho ideológico através do qual se estabelece o "senso comum" definido pelas projeções das representações sociais daqueles que a comandam como nos advertem Cury (2000), Di Pierro (2002) e Haddad (2004) para ilustrar alguns dos estudos que nos convidam a adotar um novo paradigma para a condução pedagógica na EJA.

Breve histórico do tratamento conferido à Diversidade

A educação de uma forma em geral necessita perceber a cultura como instrumento indispensável no âmbito das relações sociais, da comunicação e do processo educacional.

E, definida a gama de conceitos que envolvem o perfil da EJA, a partir do seu principal alvo - o educando, a quem se destina a referida ação educativa, bem como refletindo sobre o papel do docente neste contexto e a importância de investimentos numa formação específica para atuar em contextos da EJA, resta aprofundar questões peculiares ao contexto da pluralidade cultural. Assim, a cultura pode ser entendida como as representações sociais de um determinado meio. Já salientara Moscovici (2003, p. 40 apud. ALMEIDA, 2006): (...) "todas as interações que surjam entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações". A interação as caracteriza e entre os elementos com os quais interagem, apresenta-se a cultura, discurso que muda de acordo com as representações que o sujeito faz de si e dos outros também (HALL, 1997, p. 50 apud. ALMEIDA, 2006). A educação, como um processo interativo, é, portanto, um dos discursos que se formaliza socialmente através do qual são transmitidas e confirmadas certas representações sociais. Evolutivamente, segundo Aguado (2003), é possível acompanhar este processo até hoje o que se designa pedagogia intercultural, estágio mais avançado dentro deste processo. Resumidamente, apresenta-se este perfil através do quadro abaixo:

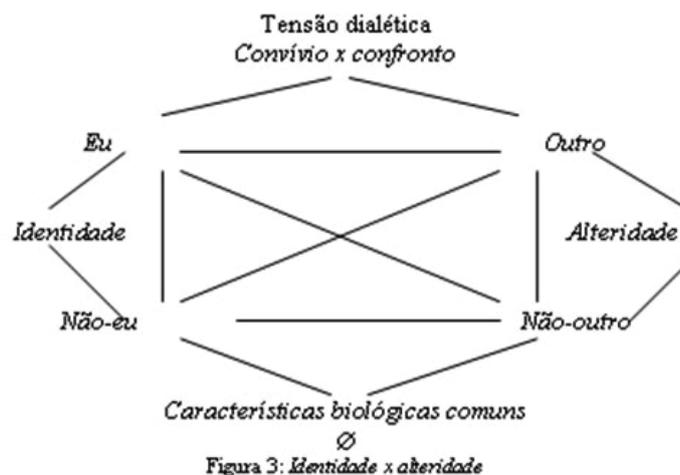
Quadro No 04 - Paradigmas da Educação para a Diversidade

Modelos	**Concepções**
Anti-racista	Construção de uma sociedade não discriminatória
Global	Construção de uma sociedade que respeite o meio ambiente, os direitos humanos, a paz
Inclusão	Construção de uma sociedade que respeite as diferenças de gênero, idade, capacidade etc.
Multiculturalismo	Construção de uma sociedade evitando estereótipos para as diferenças
Pedagogia Intercultural	Construção de uma sociedade que ao analisar as diferenças, considera-as recurso educativo.

Fonte: Elaboração própria a partir de Aguado (2003).

É importante destacar que é necessário ultrapassar os limites da Assimilação e da Compensação os quais, confirmando o "status quo", sugerem que as minorias se adaptem ao modelo já estabelecido, esquecendo-se de suas origens ou velando-as em contextos de relação social. Dentre estes paradigmas, alguns mantêm algo em comum, apesar de se distinguirem entre si. A perspectiva intercultural surgida como pedagogia para atender ao multiculturalismo emerge como forma sistemática de organizar espaços sociais, escolares ou não para o atendimento efetivo do cidadão que não o percebe assim é porque ainda não acompanhou efetivamente as iniciativas interculturais de alguns países europeus (AGUADO, 2003) e proposições diversas para a sua concretização (AGUADO et al, 2003) para que se consiga dar resposta a esta tensão:

Figura 3: *Identidade x alteridade*

(Fonte: http://www.filologia.org.br).

É em situações semelhantes a esta que se insurge a ascensão de políticas de identidade, em contextos muito diferentes e de modos muito diversos – desde os povos indígenas da América Latina às minorias religiosas na Ásia do Sul e às minorias étnicas em África, por exemplo, até aos imigrantes na Europa Ocidental – as pessoas estão se mobilizando de novo em torno de velhas injustiças segundo linhas étnicas, religiosas, raciais e culturais, exigindo que sua identidade seja reconhecida, apreciada e aceita pela sociedade mais ampla.

> Aqueles que sofrem de discriminação e marginalização em relação a oportunidades sociais, econômicas e políticas, também exigem justiça social. Em todo o mundo as pessoas são mais afirmativas para exigir respeito pela sua identidade cultural. Muitas vezes, o que exigem é justiça social e mais voz política. Mas não é tudo. Também exigem reconhecimento e respeito. E já se importam em saber se eles e os filhos viverão em uma sociedade diversificada, ou numa sociedade em que se espera que todas as pessoas se conformem com uma única cultura dominante (CANDAU, 2005)

Tais colocações se coadunam com dados de pesquisas desenvolvidas neste sentido a exemplo de Tarp (apud. ALMEIDA, 2006), as quais trazem à tona estereótipos relacionados aos estudantes menos favorecidos economicamente, a sua herança cultural, a negação ou desqualificação destes em relação àqueles hegemonicamente privilegiados e pertencentes às camadas sociais dominantes, restando aos primeiros receber a visão de educação como "compensatória" das "deficiências" culturais neles encontradas. A este respeito afirma Giroux (1997/2001):

> Os/as educadores/as não poderão ignorar, no próximo século, as difíceis questões do multiculturalismo, da raça, da identidade, do poder, do conhecimento, da ética e do trabalho que, na verdade, as escolas já estão tendo de enfrentar. Essas questões exercem um papel importante na definição do significado e do propósito da escolarização, do que significa ensinar e da forma como os/as estudantes devem ser ensinados/as para viver em um mundo que será amplamente mais globalizado. (p.88)

Finalmente a partir deste cenário, conceitos como deslocamentos, fragmentações de identidades culturais, diferenças desrespeitadas encontram uma nova orientação que funciona como importante ferramenta para as movimentações analíticas destes novos tempos. Hoje, atendendo à nova conjuntura social, existe o compromisso de gerar criativas narrativas acerca daquilo que se ensina especialmente em contexto da EJA. A partir da chamada "realidade social", passa-se a produzir espaços possíveis de emergir como um campo fértil de possibilidades.

Os debates atuais sobre os objetivos desta nova feição para a educação privilegiam a formação de sujeitos livres, autônomos, críticos, abertos à mudança, capazes de interatuar, interagir, intervir em processos de produção cultural que tenham também alcance político (AGUADO, 2003). As propostas para uma formação baseada nestes princípios são afetadas por reconstruções dos ideais da pós-modernidade elaboradas por diferentes correntes do pensamento social, que valorizam, sobretudo, a horizontalidade do vínculo pedagógico, a subjetividade e o reconhecimento do aspecto multicultural, orientado para a ênfase intercultural, para a resolução pacífica de conflitos e elaboração democrática de consensos perante os dilemas éticos que afetam a sociedade (FLEIRI, 2000, 2003; CANEN, 2002, 2005, 2007; CANDAU e MOREIRA, 2008).

O objetivo da educação multicultural crítica ou intercultural é reformar a escola no sentido de fechar a lacuna existente entre aqueles de baixa renda e "de cor" e seus pares procurando promover a igualdade de sucesso entre eles na escola. Ampliando um pouco mais este processo, surge o propósito ético de cuidar de todos ensinando-os. Segundo os autores supracitados, cuidar insiste na criação de relações de confiança como a base para a construção de um efetivo clima acadêmico e social para a promoção da escolaridade dos envolvidos.

Tais considerações, na atualidade, encontram ressonância na obra de Freire que já destacava o reconhecimento da legitimidade do acervo cultural do aluno que ele traz para sala de aula, mesmo sendo ele analfabeto. Muito mais que mera estratégia metodológica, tal atitude expressa um modo de lidar com a diferença cultural e se aproxima da proposta enxergada a partir de algumas versões da perspectiva multicultural. Mais do que respeito distante por essa diferença, mais do que a mera tolerância, enfatiza-se e estimula-se a interrelação entre os sujeitos nas relações pedagógicas, objetivando o "empoderamento"

desse jovem ou adulto sobre a realidade em que se insere (FREIRE, 1980/2000, p.137). Compreendendo a abordagem cultural a partir do referido autor:

(fonte: http://colegioestadualleandromaciel.blogspot.com /2010/09/1-mostra-cultural-dos-talentos-do-eja-e.html).

> A cultura, como resultado do trabalho do homem, do seu esforço criador e recriador (...) assim, o aluno descobriria que tanto é cultura o boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como cultura também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor, de um grande músico, ou de um pensador. Que cultura é a poesia dos poetas letrados de seu País, como também a poesia de seu cancioneiro popular. Que cultura é toda criação humana (Freire, op. cit., p.109).

Esta concepção recusa operar com uma visão tradicional para conceber cultura, aquela restrita ao conjunto de conhecimentos e criações artísticas hegemonicamente valorizadas, que já insere, em seu bojo, o demérito de formas culturais que lhe sejam divergentes na sociedade. No texto, Pedagogia da Autonomia (1996/2010), Freire afirma: "A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos, cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado" (p.46-47). O reconhecimento da relevância da dimensão cultural nas relações pedagógicas se propõe implantar em processos educativos, a perspectiva multicultural crítica ou intercultural. A perspectiva intercultural, uma das versões do multiculturalismo, propõe rever a própria noção única de identidade, concebendo-a em contexto atual como uma noção híbrida, pois questiona o fundamentalismo que sustenta a noção anterior e favorece a crítica às diversas formas que o preconceito assume na sala de aula.

Fazer a opção pelo risco de assumir no cotidiano escolar a tensão entre o ideal da igualdade e as demandas pelo reconhecimento da diferença, que impõe a prática do diálogo radical e permanente (CANDAU, 2007). Ao longo dos últimos vinte anos, a sociedade brasileira está construindo a base desta nova opção pedagógica dirigida ao estreitamento das relações interculturais (FLEURI, 2003). Nesse aspecto, se reconhece

também a importância da Constituição de 1988, como ponto de inflexão na elaboração de legislação específica, que tem, desde então, norteado diferenciadas proposições no âmbito da formação do professor (MEC, 2001) e na proposição dos projetos político-pedagógicos envolvendo novos desenhos curriculares inclusive para a Educação de adultos. Porém muito ainda há que se construir para caracterizar um verdadeiro avanço, principalmente em investimentos significativos destinados a esta formação docente em específico.

A produção do discurso educacional pela pedagogia intercultural no campo curricular da EJA (UNESCO, 1997; 2010) é analisada considerando-a na sua função enunciativa no âmbito do discurso dos movimentos sociais populares, bem como da política educacional brasileira da atualidade. Afirma-se assim a emergência deste discurso pela perspectiva intercultural como objeto de "saber-poder-ser no campo do currículo", face à complexidade de seus fatores constituintes. Nesta sugestiva direção de nova formação política e configuração humanista para a educação, apresenta-se como fecunda a reelaboração de currículos destinados à educação de pessoas jovens e adultas a partir da pedagogia intercultural.

Uma opção a ser tomada pela escola na atualidade para não repetir desrespeitosamente os currículos da educação escolar básica, que tradicionalmente selecionam como conteúdos relevantes certos recortes do acervo de conhecimentos acadêmicos, sistematizados e ordenados pelas disciplinas científicas ao longo da história e socialmente valorizadas. Estes que servem como jargão pedagógico a que se convencionou denominar "conhecimentos historicamente acumulados" também reproduzidos pela EJA (Di PIERRO et all., 2005).

Partindo de tradições metodológicas e avançando para um universo mais abrangente, há consenso entre os estudiosos que os currículos da EJA necessitam incorporar certos desafios éticos, políticos ou práticos da vida social atual, relacionados ao exercício da cidadania. Dentro desta perspectiva, parece relevante indicar o desenvolvimento de competências interculturais como um tema a ser tratado e reconhecido pela formação docente para que o professor possa fazê-lo refletir e ressoar na escola e na ação pedagógica da EJA no ensino fundamental, passando a futuramente determinar a trajetória de construção dos referidos currículos (MACHADO, 2007).

(Fonte: http://www.aracaju.se.gov.br /index.php?act =leitura&codigo=2814).

(Fonte: http://www.livrariasaraiva. com.br /produto/2634237).

Pedagogia intercultural a partir da competência intercultural

Competências interculturais são habilidades cognitivas, afetivas e práticas necessárias para se desenvolver eficazmente em um meio intercultural. Estão orientadas a criar um clima educativo no qual as pessoas as pessoas se sintam aceitas e apoiadas por suas próprias habilidades e conhecimento, assim como a permitir a interação efetiva e justa entre os membros de um grupo. O desenvolvimento destas competências é o objetivo básico de toda iniciativa pedagógica intercultural. Nesta parte deste texto consideram-se as dimensões destas competências e como incorporá-las na formação de educadores e estudantes, tanto no âmbito formal quanto informal da educação. As dimensões da competência intercultural são os conhecimentos, as habilidades ou destrezas e as atitudes que deve possuir o pedagogo, completados por valores que formam parte de uma determinada sociedade e dos numerosos grupos sociais a que pertencemos.

(Fonte: http://www.gline.com.br/fazemos_02.html).

Dessa forma, registra-se em que consiste cada um destes elementos, começando pelas atitudes que constituem a base da competência intercultural (BRYRAM, NICHOLS Y STEVENS, CITADOS POR MALIK, 2002):

- As atitudes interculturais se referem a qualidades como a curiosidade e abertura, aceitando que existem outras culturas igualmente válidas em comparação a nossa que não é a única. Isto implica disposição e vontade para questionar nossos próprios valores, crenças e comportamentos e não assumir que estes são os únicos possíveis ou corretos, considerando que eles podem ser vistos de outra forma considerando a perspectiva de outra pessoa com uma escala de valores, crenças e comportamentos diferentes dos nossos. Quer dizer, supõe "colocar-se no lugar do outro", o que lembra a empatia da relação orientadora a partir do enfoque rogeriano ou humanista.
- Os conhecimentos acerca dos grupos sociais, suas produções e seus costumes tanto no próprio país/zona como do nosso interlocutor que inclui o conhecimento acerca de outras pessoas e de como se vêem a si mesmas e dos processos gerais de interação social

e como influem em todo o anterior. Não se refere ao conhecimento exaustivo a respeito de uma cultura específica (ainda que também pode dar-se quando se trabalha com populações concretas e no caso dos mediadores que devem conhecer as culturas entre as que mediam) senão ao conhecimento geral sobre como funcionam e como se formam os grupos sociais e suas identidades, tanto do nosso próprio quanto dos outros. Se se pode antecipar com quem vamos interagir, resultará muito útil o conhecimento de seu "mundo". Mas se isto não é possível, o que pode ocorrer, entram em jogo as habilidades ou destrezas para ir obtendo esse conhecimento.

- As habilidades o destrezas relacionadas com: interpretação e comparação – habilidade para interpretar a partir de diversas perspectivas, fatos, idéias ou documentos de outras culturas, explicá-los e relacioná-los ou compará-los com a sua própria, para compreender como pode mal interpretar-se facilmente o que alguém de outra cultura diz, escreve ou faz; bem como com a aprendizagem e interação que se possa promover.

(Fonte: http://www.overmundo.com.br/banco/ conquistando-a-cidadania).

Através desse reconhecimento, o professor pode contribuir para desnudar a
desigualdade social, muitas vezes velada em contextos sociais diversos assim como a sala de aula. Contraditoriamente, admitida como um elemento a mais para o desenvolvimento cognitivo do aluno, a desigualdade que vem acompanhada de uma possível discriminação, articula-se no que se convencionou denominar "exclusão social". Assim se pronunciam estudiosos como Uriarte (1997, p. 240 apud. Almeida, 2006): "A diversidade é criativa e feliz, desde que não seja regida pela desigualdade e pela discriminação".

Ainda segundo Bryram, Nicols y Stevens, citados por Malik, apud (AGUADO, 2003), o desenvolvimento de atitudes se constituem a base da competência intercultural, pois se referem à curiosidade e abertura para aceitar que existem outras culturas igualmente válidas em comparação à nossa, ou seja, o que se caracteriza como a rejeição de ações etnocêntricas partindo para a construção de um patamar de "etnorelativismo", como definiu Bennett (apud AGUADO, 2003). O desenvolvimento do hábito de questionar nossos próprios valores, crenças e comportamentos, promovendo a mudança do patamar de que nossa visão de mundo é a única, possível e correta. Como afirma Aguado, (op. cit. p.142) "o que se refere à empatia da relação orientada a partir do enfoque rogeriano o humanista". Neste ponto alto da visão holística e transversal, é possível afirmar que se intercomunicam paradigmas da pedagogia intercultural com os da pedagogia humanista e dialógica anteriormente apresentada pela obra de Freire (1996/2010).

Competência Intercultural e Identidade Cultural

A pedagogia intercultural encontra sua referência ou marco conceitual nas complexas raízes multidisciplinares da educação sob a perspectiva da educação

multicultural com ênfase na identidade cultural conforme Banks, (1995) e Bennett, Ch. 2001(apud. AGUADO, 2003, p. 69). Em 1995, Banks, J.A já analisara a necessidade da educação a partir do enfoque na identidade cultural e para tanto assinala etapas para despertar a atenção e consolidar a perspectiva intercultural a qual se caracteriza como nível genuíno e estágio de intervenção ideal para que se alterem as relações de poder, promovendo a equidade, a quebra de estereótipos. Banks (op.cit.), há uma década já preceituava que a abordagem curricular a considerar o elemento cultural (conteúdos, materiais pedagógicos etc.) pode ser analisada a partir de vários estágios até que se concretize a educação intercultural, construída historicamente a partir de diferentes perspectivas. Sinteticamente, o que se observa na imagem abaixo.

(Fonte: Aguado (2003)).

Esta proposta de análise social crítica da educação considera os dois primeiros níveis (ocorrência episódica ou aditiva) como adições do elemento cultural ao currículo escolar em nada alterando sua estrutura dentro do contexto escolar. Dentre estas se exemplificam as tão comuns feiras culturais nas quais não se exercita a interação, a cooperação, à consideração ao outro. Na maioria das ocasiões, a disputa é o elemento mais explorado entre os alunos. A diferença essencial entre os quatro tipos de abordagem reside na forma como a partir de uma abordagem transformativa se muda o paradigma que sustenta a estrutura curricular a qual favorece o confronto entre os diferentes através do desenvolvimento do pensamento crítico. Mudar o olhar sobre o mundo é capacitar os alunos para a participação social e pôr em prática a perspectiva de uma educação mais emancipadora cuja raiz está no currículo escolar.

Dentro de um contexto curricular assim semelhante, a identidade cultural será entendida como espaço de lutas simbólicas, um lugar híbrido dentro da mundialização econômica que redunda em mundialização cultural, luta entre as sociedades hegemônicas para exercer a alienação de sociedades menores que recebem o poder de decisão (HALL, 1997, CANCLINI, 2004) dos maiores detentores da decisão. É necessário que uma

pessoa se sinta conectada com o grupo cultural a que pertence de forma mais imediata, tomando-o como referência no jogo de complexas combinações, sentindo-se incluída ou excluída, num constante espaço de experiências de encontros e conflitos para o desenvolvimento da sua identidade cultural (AGUADO, 2003, p. 70).

Perfil Intercultural para o Professor da EJA

Identificam-se as variações entre os níveis de empatia como categorias ou atributos pessoais a caracterizar o perfil do professor-participante no Curso de Aperfeiçoamento em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade a partir da Pedagogia intercultural com ênfase na identidade cultural. Estes níveis vão da ignorância ou negação do "outro" em situação de interação à socialização com ele para o estabelecimento de competências interculturais mútuas que se explicitam em quadro a seguir, apontando o que se almeja como características do docente que passe a incorporar este novo conhecimento partilhando na sua prática docente. Para tanto, necessita o professor de um processo formativo que contemple tão somente a parte cognitiva, mas a soma de várias matizes.

Por isso, sugere-se que o professor incorpore um novo perfil dentro do espaço sócio- educacional escolar. Aquele que agregue a competência intercultural como se exemplificará a seguir.

Seria este o perfil para o docente da EJA a partir da competência intercultural?

Competência Intercultural e suas Dimensões		
Conhecimentos	**Habilidades**	**Atitudes**
Reconhecimento da cultura como elemento de ensino	Interpretar fatos, idéias de outras culturas	Demonstração de curiosidade e abertura para o outro
Identificação na ação pessoal o reflexo de herança cultural que expressa valores e prejuízos	Comparar a cultura do outro com a sua	Disposição para questionar os próprios valores
Avaliação da relação: identidade cultural e interculturalidade	Aprendizagem com a cultura de outros	Adoção do lugar do outro
Compreensão das diferenças como elemento de afetação no desenvolvimento pessoal	Trabalho em equipe	Crédito conferido ao potencial do outro

Identificação do enfoque pedagógico apropriado para respeitar as diferenças	Desenvolvimento de aprendizagem colaborativa	Valorização da expressão cultural do outro
Conhecimento do potencial dos preconceitos e estereótipos em instrumento de avaliação e interpretação de características culturais	Afronta e resolução de problemas/ conflitos de forma criativa	Envolvimento ativo com o problema enfrentado por outro
Perfil do Docente		
Flexibilidade/abertura de se auto-avaliar	Solidariedade na percepção do outro	Autonomia para tomada de decisões para o bem do outro

(Fonte: Elaboração própria/ 2010).

Atividades complementares

Algumas das imagens abaixo representam intimamente a identidade cultural sergipana

(Fonte: http://www.google.com).

1. Marque um (X) na alternativa que indica o tratamento cultural desta informação em sala de aula na EJA.
a) Referência à identidade cultural a partir da 2ª, 3ª e 4ª figuras, comparando-as com as demais.
b) Negação dos artistas das figuras 02 e 04 por não apreciar o modo como se apresentam.
c) Importância às 1ª e 5ª figuras por representarem a cultura de prestígio.
d) Afirmação cultural de todas as imagens como merecedoras de valor.
e) Identificação de preconceito relacionado a algum dos representantes destas imagens.

2. Indique como um (X) a sua opção para o desenvolvimento de competências intercult-urais no contexto escolar.

(a) =transformando valores

(b) =interferindo nos padrões existentes

(c) =participando de eventos

(d) =somando-se a conteúdos

(e) =fazendo-se presente em eventos sociais

3. Marque um (X) na alternativa abaixo para indicar dentre estes conceitos o que expressa o tratamento atribuído à diversidade cultural na atualidade.

a) Multiculturalismo pluralista: pondera que cada grupo deve viver em separado, cada um com sua identidade, sem se relacionar com os demais.

b) Multiculturalismo conservador: pressupõe a assimilação da diferença às tradições e costumes da maioria, aceitando-as e respeitando-as.
c) Multiculturalismo liberal: insere a minoria nos padrões da maioria, com as diferenças toleradas no campo privado, sem reconhecê-las na esfera pública.
d) Multiculturalismo comercial: argumenta que as diferenças surgem em nichos de mercado, dada a importância de fornecer os desejos destes grupos.
e) Multiculturalismo crítico: a ótica de estudo que transcende os laços do local, buscando em outras culturas a diferença para a formação de cada um. Não só haverá o reconhecimento das diferenças, mas a valorização das vozes outrora sufocadas por culturas dominantes.

Adaptado de " Feições do Multiculturalismo" in. HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

(Globo: http://html.rincondelvago.com/educacion-intercultural_3.html).

Não se esqueça!

Seu aluno tem uma herança cultural que se encontra com a sua herança cultural e com as de outros no universo escolar.

Você precisa exercitar a sua competência intercultural para promover o diálogo neste espaço de tensões!

Atividade 3

OBS: Para responder na Plataforma, no e-mail de grupo ou no Blog.

Relacione a imagem abaixo à pedagogia intercultural na EJA. Expresse-se através da apresentação de sugestões para que o aspecto intercultural seja inserido no contexto da EJA no seu município. Que tal a elaboração de um projeto coletivo escolar para o exercício da alteridade¿

(Fonte: http://cnoestp.yolasite.com/cidadania-e-profissionalidade.php).

Referências bibliográficas

AGUADO, T. **Pedagogía intercultural**, Madrid: Mc-Graw Hill, 2003.

ALMEIDA, M. J. de M. **Representação social da cultura nordestina no livro didático de L. Portuguesa – um estudo de caso**, Dissertação de Mestrado, Assunção: UAA, 2006.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos.** Parecer nº 11 e Resolução da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, Brasília, em 8/5/2001. (Parecer de Jamil Cury)

CANDAU, V. M. (org.) **Cultura(s) e Educação: entre o crítico e o pós-crítico**, Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CANCLINI, N. G. **Sociedades del conocimiento: la construcción intercultural del saber.** Barcelona: Gedisa, 2004.

CANEN, A. Sentidos e dilemas do multiculturalismo: desafios curriculares para o novo milênio. Em: LOPES, A. R. C.; MACEDO, E. (org.) **Currículo: debates contemporâneos.** São Paulo: Cortez, 2002.

DI PIERRO, M. C; RIBEIRO, V. M.; JOIA, O. **Visões da educação de jovens e adultos no Brasil.** Em: CADERNOS DO CEDES, Campinas, n. 55, p. 58-77, 2005.

FLEURI, Reinaldo M. (Org.). Educação intercultural: mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREIRE, P. (1980) **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, P. (1996) **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa, 41ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GIROUX, H. A.(1997b). Praticando Estudos Culturais nas Faculdades de Educação. In: SILVA, T. T.(org). Em: **Alienígenas na Sala de Aula**: uma introdução aos estudos culturais. 3ªed. Petrópolis: Vozes, p. 85-103, 2001.
HADDAD, S.; DI PIERRO, M. **Escolarização de Jovens e Adultos.** Em REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, São Paulo, n.14, p.108 – 130, mai-ago, 2004.
HALL, S. (1997) **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: T. T. da Silva e G. L. Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 1997.
MACHADO, M. Margarida. **A atualidade do pensamento de Paulo Freire e as políticas de Educação de Jovens e Adultos.** Conferência de abertura do IX Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos – IX ENEJA, Pinhão/Faxinal do Céu/Paraná, setembro de 2007. Disponível em http://www.reveja.com.br. Acesso em dezembro de 2010.
MALIK Liévano, Beatriz. **Modelos de Orientación e Intervención Psicopedagógica, Proyecto Docente**. Madrid: UNED. Inédito, 2002. Disponível em: http://www.uned.es/centrointer/Competencias_interculturales.pdf . Acessado em julho de 2009.
RIBEIRO, V. M. (Org.) **Educação de Jovens e adultos: novos leitores, novas leituras.** Mercado das Letras: Campinas, ALB, Ação educativa, 2005.

Tentativa de Conclusão

(Fonte: http://www.pedagogiaaopedaletra.com/posts/uma-reflexao-sobre-a-formacao-do-professor-da-escola-basica).

Há que se ressaltar que a inserção da EJA no universo da Educação para a Diversidade está vinculada às suas origens de base na educação popular, promotora dos mais diversos movimentos sociais neste país. Todas as conquistas em torno de sua valorização, e adequada concepção encontram-se no cerne destes movimentos sociais que também lutam por justiça social a partir de outros temas como identidade étnico-racial, cidadania, direitos humanos

etc. Paulo Freire, Miguel Arroyo, Sergio Haddad, Margarida Machado, Jane Paiva, Maria Clara de Pierro, Vera Massagão, Leôncio Soares são alguns dos nomes tomados como referência em torno da concepção atribuída à Educação de Jovens e Adultos neste país.

Neste contexto, admitindo que a concepção social de um determinado conceito está associada às representações sociais ideologicamente construídas em torno de si a partir da força hegemônica do senso comum ou ação dominante, não obstante, dominado e dominante a construam paralelamente. Por isso, a concepção sobre o aluno da EJA é apresentada pelas classes dominantes, porém se encontra inserida no jogo de poder travado pelos movimentos sociais com forças sociais divergentes. A fim de que nos distanciemos de paradigmas ligados a uma visão comprovadamente comprometida com as forças sociais dominantes, expressa por palavras como: suplência, reparação, atraso, deficiência, dificuldade. Envolta ainda em preconceitos e estereótipos que acarretam a exclusão a que este sujeito, a quem a ação educativa da EJA se dirige, está exposto cotidianamente. A força semântica de tais signos ainda contribui para que se perca ou diminua a autoestima que se desejaria encontrar ou estimular nesta pessoa.

O conceito de Educação para a Diversidade encontra-se intimamente arraigado à concepção de cultura, identidade cultural, etnocentrismo, fundamentalismo, nacionalismo historicamente apresentados e discutidos pela Antropologia Social. Na atualidade, a Pedagogia Intercultural é uma destas referências teóricas que aponta para uma concepção educativa que se coaduna com a perspectiva social crítica. Essa centralidade em torno da cultura – ressaltada por tantos estudos na atualidade, numa dimensão epistemológica, que vem sendo denominada "virada cultural", referindo-se a um poder instituidor de que são dotados os discursos da interação, tolerância, respeito, negociação. Um noticiário de televisão, as imagens, gráficos etc. de um livro didático ou as músicas de um grupo, por exemplo, não são apenas manifestações culturais. Eles são artefatos produtivos, são práticas de representação, inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado para que se estabeleçam os processos de identidade para estes sujeitos que lutam e esperam da sociedade um perfil de educação ao longo da vida, como um direito, como uma questão de justiça social.

(Fonte: http://www.brasilescola.com/educacao/a-eja-preparo-para-trabalho.htm).

(Fonte: http://ejamova.blogspot.com).

Esperamos que o debate estabelecido neste espaço de interlocução tenha despertado em você o interesse para continuar aprofundando o tema: EJA NO UNIVERSO DA DIVERSIDADE que lhe vai ser apresentado ao longo deste curso.